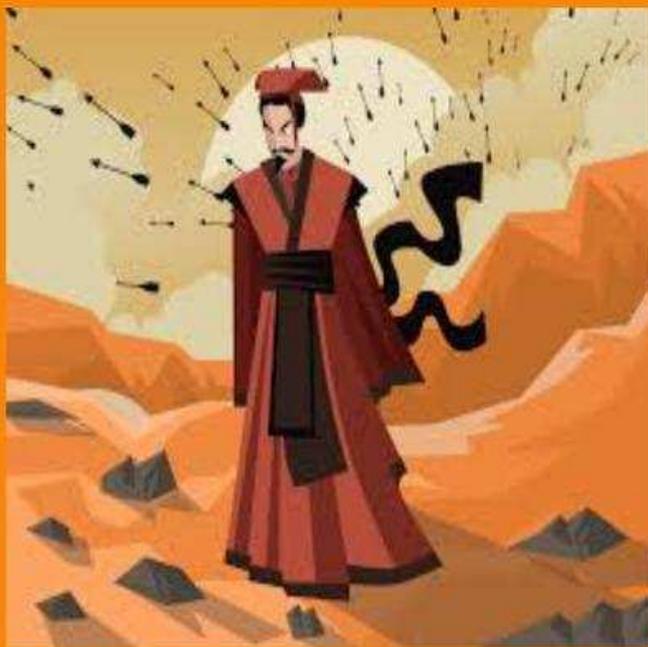


A ARTE DA GUERRA DE SUN TZU COMPARADA COM A BÍBLIA

Militarismo



Escriba de Cristo

FINALIDADE DESTA OBRA

Os materiais literários do autor não têm fins lucrativos, nem lhe gera qualquer tipo de receita. Os custos do livro são unicamente para cobrir despesas com produção, transporte, impostos e revendedores. Sua satisfação consiste em contribuir para o bem da educação, uma melhor qualidade de vida para todos os homens e seres vivos, e para glorificar o único Deus Todo-Poderoso. Meus livros estão disponíveis gratuitamente na internet. Todos são registrados como de domínio público.

AUTORIZAÇÃO

O livro pode ser reproduzido e distribuído por quaisquer meios, usado e traduzido por qualquer entidade religiosa, educacional ou cultural sem prévia autorização do autor. Todos os meus livros são de domínio público.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo Senac de Santos, reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>

<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

A ARTE DA GUERRA de Sun Tzu comparada com a Bíblia
Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

M543 Escriba de Cristo, 1969 – A arte da guerra

De Sun Tzu comparada com a Bíblia

Itabaiana/SE Amazon.com

Clubedesautores.com.br, 152 p. ; 21 cm

ISBN-13: 9781072086949

1. crítica textual 2. estratégia 3. guerra 4

.Sun Tzu 5 – Bíblia Título

CDD 350

CDU 35

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL

-CGC 66.504.093/0001-08

INTRODUÇÃO

ÍNDICE

A ARTE DA GUERRA

O MAIS ANTIGO TRATADO MILITAR DO MUNDO

VIDA DE SUN TZU, SEGUNDO O COMENTARISTA SE-MA
TS'IEN (CERCA DE 100A. C.)

CAPÍTULO I

DA AVALIAÇÃO

CAPÍTULO II

DO COMANDO DA GUERRA

CAPÍTULO III

DA ARTE DE VENCER SEM DESEMBAINHAR A ESPADA

CAPÍTULO IV

DA ARTE DE MANOBRAR AS TROPAS

CAPÍTULO V

DO CONFRONTO DIRETO E INDIRETO

CAPÍTULO VI

DO CHEIO E DO VAZIO

CAPÍTULO VII

DA ARTE DO CONFRONTO

CAPÍTULO VIII

DA ARTE DAS MUDANÇAS

CAPÍTULO IX

DA IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA

CAPÍTULO X

DA TOPOGRAFIA

CAPÍTULO XI

DOS NOVE TIPOS DE TERRENOS

CAPÍTULO XII

DA PIROTECNIA

CAPÍTULO XIII

DA ARTE DE SEMEAR A DISCÓRDIA

A ARTE DA GUERRA E A BÍBLIA

SOU PACÍFICO, MAS...

Pacífico sou, mas quando eu falo já eles procuram a guerra. Salmos 120.7

O Deus todo-poderoso é um Deus que ama a paz, mas ele sabe que um Estado precisa de um poderoso exército para manter a paz. O maior guerreiro de Deus foi o rei Davi e nos Salmos ele disse que muitas vezes entrou em guerra por causa dos oponentes

DEUS GOSTA DE GUERRA

O Senhor é homem de guerra; o Senhor é o seu nome. Êxodo 15:3

Deus não é homem no sentido de natureza, mas no sentido de ter uma personalidade, é isto que o texto quer dizer. Deus sabe de todas as coisas, ele é perfeito e ele em sabe que todas as suas criaturas foram feitas para a guerra. A comida não cai na boca, toda criatura tem que ir à guerra atrás do pão nosso de cada dia. O termo guerra é muito mais do que combate por reino ou território. A guerra inclui todas as conquistas e derrotas de nossa vida. Os animais de quase todas as espécies para se acasalarem têm que guerrearem. Quem se mostrar fraco, fica solteiro...

CONSELHEIRO DE GUERRA

Cada pensamento se confirma com conselho e com bons conselhos se faz a guerra. Provérbios 20:18

Com certeza os conselhos do livro A ARTE DA GUERRA DE SUN TZU seriam apreciados pelos líderes de Israel na antiguidade. A ciência da guerra acompanhou a humanidade desde os primórdios. Guerra não é só para atacar, mas principalmente para se defender. Devemos nos armar não para saquear o próximo, mas para impedir que o ladrão nos lapide o patrimônio e a vida.

A ARTE DA GUERRA

O MAIS ANTIGO TRATADO MILITAR DO MUNDO

Pouco importa saber se Sun Tzu existiu ou é uma figura lendária. O fato é que um texto que remonta à turbulenta época dos Estados Guerreiros da China, há quase dois mil anos, chegou até nós, trazendo as ideias de um filósofo estrategista que certamente comandou e venceu muitas batalhas, se acreditarmos no comentarista Se-MaTs'ien, do século I a.C, cujo texto apresentamos mais adiante.

A única biografia de que dispomos de Sunzi, presente nos Registros Históricos (Shiji) de Sima Qian², não informa quase nada sobre sua história. As datas usuais para a época em que teria vivido – em torno do século VI a.C. – não são aceitas nem mesmo pelos comentaristas chineses, que preferem acreditar que ele teria vivido (se existiu) dois a três séculos depois. Nesse contexto, é preciso compreender a produção de Lei da Guerra para inferir sobre a possível existência de Sunzi. A Lei da Guerra teria sido escrita durante o período dos Estados Combatentes (aproximadamente 481-221 a.C.), época calamitosa para a China Antiga, quando a antiga casa dinástica dos Zhou começou sua agonia final, e os reinos mais poderosos – Qi, Qin, Chu, Zhao, Han, Yen e Wei – empreenderam uma luta mortal para assumir o poder absoluto. A

guerra vinha sofrendo uma mudança drástica em seu perfil. Nos séculos anteriores, combates cavaleiros e batalhas com poucas mortes eram comuns. No entanto, o objetivo da guerra – o domínio do território, a submissão do inimigo – eram transformados em promessas de fidelidade, em contratos de cessão administrativa ou ainda, na conquista efêmera de territórios que em breve voltavam a ser objeto de disputas intermináveis. As regras da guerra tradicional não valiam mais para os objetivos em jogo. Uma famosa passagem na literatura confucionista, presente em Anais das Primaveras e Outonos (Chunqiu) ilustra bem esse problema: numa determinada ocasião, o Duque de Song foi dar combate às tropas de Chu, e chegou ao local da batalha antes. Nesse momento, as forças de Chu atravessam um rio, e estavam em posição totalmente desvantajosa. Mesmo tendo a oportunidade de atacar, o Duque de Song resolveu esperar que as forças de Chu saíssem da água e se alinhassem, pois atacá-los de outro modo não seria nobre nem cavaleiro. O resultado: as tropas de Song foram vencidas, o Duque ferido e os oficiais liquidados. Essa passagem foi motivo de controvérsia entre os comentaristas e moralistas da época: como pode uma pessoa nobre ser derrotada pelo ardil? Como alguém de espírito superior poderia ser vencido pelas circunstâncias? O tratado de Sunzi veio dar uma resposta para esses problemas. Em seu entendimento, a estratégia seria o meio pelo qual se conquista o poder; e tendo o poder, se conseguiria fazer tanto o certo quanto o errado. No entanto, nada pode ser feito se a reação não for apropriada; ou, como disse Edmund Burke, “o mal só prevalece porque os bons não fazem nada”. Sendo assim, o texto demonstra claramente a mudança de mentalidade acerca dos conflitos militares, e esse processo se inicia, justamente, no tempo dos Estados Combatentes, o 16 que tornaria um tanto complicada a existência de Sunzi em um período anterior. Além disso, algumas passagens do livro mostram, claramente, incorporações de termos que só existem depois do século 4 a.C. (tal como “besta”, por exemplo, arma que surge ao

longo do período de conflito, e inexistente no século 6 e 5 a.C.), o que aponta a possibilidade do texto ser tardio.

A tradução que ora publicamos é uma das muitas versões existentes. Ela foi feita pelo missionário jesuíta Amiot em 1772, sendo a primeira versão que se conhece no Ocidente. O Padre Amiot deixou de lado os comentários que foram acrescentados aos versículos, ao longo do tempo, por vários comentadores chineses. A tradução para o inglês de Lionel Giles e Samuel B.Griffith contemplam esses comentários – lendas, fábulas, exemplos históricos, explicações, interpretações – que estabelecem um diálogo hiper textual com SunTzu.

Compulsando-se a variedade de versões existentes, observa-se que o texto tornou-se um palimpsesto que, dois milênios depois, ainda conserva seu fulcro original e sua dicção aforismática e oracular. Embora as táticas bélicas tenham mudado desde a época de Sun Tzu,esse tratado teria influenciado, segundo a Enciclopédia Britânica, certos estrategistas modernos como Mao Tsé-tung, em sua luta contra os japoneses e os chineses nacionalistas.

Hoje, o livro parece destinado a secundar outra guerra: a das empresas no mundo dos negócios. Assim, o livro migrou das estantes do estrategista para as do economista e do administrador.

Qual é a originalidade, desse que é o mais antigo tratado de guerra? É que é melhor ganhar a guerra antes mesmo de desembainhar a espada. O inimigo não deve ser aniquilado, mas, de preferência, deve ser vencido quando seus domínios ainda estiverem intatos. Muitas vezes, a vitória arduamente conquistada guarda um sabor amargo de derrota, mesmo para os próprios vencedores.

Com seu caráter sentencioso, Sun Tzu forja a figura de um general super homem cujas qualidades são o segredo, a dissimulação, a astúcia e a surpresa. Esse general deve evitar cinco defeitos básicos: a precipitação, a hesitação, a irascibilidade, a

preocupação com as aparências e a excessiva complacência. Para vencer, deve conhecer perfeitamente a terra (a geografia, o terreno) e os homens (tanto a si mesmo quanto o inimigo). O resto é uma questão de cálculo. Eis a arte da guerra.

Em tempos de guerras generalizadas e sub-reptícias como os que vivemos (da guerra dos sexos à das empresas), vale a lição do livro: a primeira batalha que devemos travar é com nós mesmos.

Lendo o trecho a seguir em que Sun Tzu interpela o general, há ou não motivos para refletirmos?

“Lembra-te que defendes não interesses pessoais, mas os do teu país. Tuas virtudes e teus vícios, tuas qualidades e teus defeitos influem igualmente no ânimo daqueles que representas. Teus menores erros têm sempre nefastas consequências. Geralmente, os grandes são irreparáveis e funestos. É difícil sustentar um reino que terás levado à beira da ruína. Depois de destruí-lo, é impossível reerguê-lo. Tampouco se ressuscitam os mortos.”

OS 65 ENSINAMENTOS DE SUN TZU

O livro A Arte da Guerra de Sun Tzu é um rico e verdadeiro tratado sobre planejamento, estratégia e liderança. Peça a 100 pessoas para nomearem o melhor livro de negócios que já leram, e provavelmente boa parte dirá “A Arte da Guerra”, ou pelo menos citará como referência.

Tudo bem que “melhor” ou “pior” sejam conceitos relativos, mas esse livro de Sun Tzu definitivamente precisa estar na lista de livros de quem deseja aperfeiçoar conhecimentos práticos sobre disciplina, tática, comando, lealdade, gerenciamento de recursos, noções geográficas, enfim, sobre a natureza da guerra e o sucesso militar (ou organizacional).

Sun Tzu foi um general chinês que viveu há mais de 2.500 anos atrás, possivelmente durante o século 6 a.C. Até hoje, seus conselhos inspiram legiões de líderes a motivarem outros ao sucesso, honra e glória em suas diferentes métricas e formas.

A Arte da Guerra é um dos mais antigos tratados de guerra, se não for o mais. Embora as táticas militares e condições sistêmicas tenham mudado desde a época de Sun Tzu, seus ensinamentos teriam influenciado, segundo a Enciclopédia Britânica, alguns generais modernos como Mao Tsé-Tung na batalha contra os japoneses e chineses nacionalistas, e seria possível de imaginar que tenham auxiliado vários outros líderes em guerras recentes.

Considerando a atual conjectura social e geopolítica, podemos dizer que, hoje, esse livro é destinado a substanciar uma guerra específica: a das empresas no mundo dos negócios. Assim, A Arte da Guerra serve como manual tanto para estrategistas militares quanto para economistas e administradores.

A Arte da Guerra é composta por 13 capítulos, cada um deles concentrado num aspecto diferente da guerra. É um livro absurdamente inteligente, poético, útil e que gera efeitos práticos reais se forem de fato aplicados.

No livro, Sun Tzu parte da premissa de que é melhor vencer a guerra antes mesmo de desembainhar a espada; melhor ainda, despender o inimigo sem precisar fazer nada. Segundo ele, a vitória conquistada penosa e custosamente sempre acompanha um gosto amargo de derrota, mesmo para os próprios vencedores. Daí tiramos uma grande lição: a primeira batalha que devemos travar é contra nós mesmos.

Para fins de recomendação do livro, aqui estão 65 ensinamentos valiosos de Sun Tzu em A Arte da Guerra:

1. A guerra é um assunto de importância vital para o Estado, o reino da vida ou da morte, o caminho para a sobrevivência ou a ruína. É indispensável estudá-la profundamente.

2. Informação é crucial. Nunca vá para a batalha sem saber o que pode estar contra você.

3. Aquele que conhece o inimigo e a si mesmo lutará cem batalhas sem perder; para aquele que não conhece o inimigo, mas conhece a si mesmo, as chances para a vitória ou derrota serão iguais; aquele que não conhece nem o inimigo e nem a si próprio será derrotado em todas as batalhas.

4. Um líder lidera pelo exemplo, não pela força.

5. Trate seus homens como filhos e eles o seguirão aos vales mais escuros. Trate-os como filhos queridos e eles o defenderão com a própria morte.

6. A invencibilidade está na defesa; a possibilidade de vitória, no ataque. Quem se defende mostra que sua força é inadequada; quem ataca, mostra que ela é abundante.

7. A vitória está reservada àqueles que estão dispostos a pagar o preço.

8. Toda guerra é baseada em dissimulação. Por isso, quando capaz, finja ser incapaz; quando pronto, finja grande desespero; quando perto, finja estar longe; quando longe, faça acreditar que está próximo.

9. A suprema arte da guerra é derrotar o inimigo sem lutar.

10. Guerreiros vitoriosos vencem primeiro e, em seguida, vão para a guerra, enquanto guerreiros derrotados vão à guerra em primeiro lugar para depois buscarem a vitória.

11. Existem cinco perigos que podem afetar um general: imprudência, que leva à destruição; covardia, que leva à captura; temperamento precipitado, que pode ser provocado por insultos; senso cego de honra, que é sensível à vergonha; excesso de solicitude para com seus homens, que os expõem a preocupação e angústia.

12. Existem três maneiras de um governante trazer infortúnio à guerra: comandar o exército para avançar ou recuar ignorando o fato que não podem obedecer, e assim denegrir o exército; tentar governar o exército da mesma forma como administra o reino ignorando as condições para obtê-lo, e assim causar inquietação na mente dos soldados; empregar os oficiais do exército sem discriminação ignorando os princípios básicos de adaptação das circunstâncias, e assim abalar a confiança dos soldados.

13. O combatente inteligente olha para o efeito combinado de energia e não necessita de tantos indivíduos assim. Daí sua capacidade de escolher os homens certos e utilizar da mesma energia combinada.

14. Quando os soldados ficam muito encostados em suas lanças, estão fracos por falta de comida. Se aqueles que são enviados para pegar água bebem-na, o exército está sofrendo de sede.

15. Estude cuidadosamente o bem-estar de seus homens, não os sobrecarregue. Concentre sua energia e acumule sua força.

Mantenha seu exército continuamente em movimento, elabore planos insondáveis.

16. Se você for indulgente, mas inábil para validar sua autoridade; bondoso, mas impotente para fazer valer os seus comandos; e incapaz, além disso, de lidar com a desordem, seus soldados podem ser comparados a crianças mimadas e serão inúteis para qualquer finalidade prática.

17. Quando o general é fraco e sem autoridade, quando suas ordens não são claras e coesas, quando não existem regras fixas aos seus oficiais e quando as fileiras de homens são formadas de forma casual e desleixadas, a consequência é a total desorganização.

18. Quando os soldados comuns são demasiadamente fortes e os seus oficiais superiores muitos fracos, o resultado é insubordinação. Quando os oficiais superiores são muito fortes e os soldados comuns fracos demais, o resultado é colapso. Quando os oficiais superiores estão com raiva, insubordinados e atendem à batalha contra o inimigo por sua própria conta e risco a partir de um sentimento de ressentimento, antes que o comandante-chefe diga se estão ou não em condições de lutar, o resultado inevitável é a ruína.

19. Existem cinco fatores que permitem que se preveja qual dos oponentes sairá vencedor: aquele que sabe quando deve ou não lutar; aquele que sabe como adotar a arte militar apropriada de acordo com a superioridade ou inferioridade de suas forças frente ao inimigo; aquele que sabe como manter seus superiores e subordinados unidos de acordo com suas propostas; aquele que está bem preparado e enfrenta um inimigo desprevenido e aquele que é um general sábio e capaz, em cujas decisões o soberano não interfere.

20. Dos cinco elementos, nenhum é predominante. Das quatro estações, nenhuma dura para sempre. Os dias, uns são longos, outros curtos. A Lua enche e minguar. Também são assim os períodos de uma guerra.

21. A água não tem forma constante. Na guerra também não há condições constantes. Por isso, é divino aquele que obtém uma vitória alterando as suas táticas em conformidade com a situação do inimigo.

22. Se o seu oponente é de temperamento colérico, procure irritá-lo. Finja ser fraco, que ele vai se mostrar arrogante, e vulnerável.

23. Há estradas que não devem ser seguidas, exércitos que não devem ser atacados, cidades que não devem ser sitiadas, posições que não devem ser contestadas e comandos do soberano que não devem ser obedecidos.

24. O estrategista hábil é comparado a uma serpente encontrada nas montanhas. Ataque a cabeça e você será atacado por sua cauda; ataque a cauda e será atacado pela cabeça; ataque o meio e será atacado por ambos.

25. Não basta fazer algo pelo simples bem de algo: certifique-se de que isso o ajude. Se for para a sua vantagem, faça um movimento para frente; se não, fique onde está.

26. Não devemos fazer alianças com aqueles que estão familiarizados com nossos métodos.

27. Não há mais de cinco notas musicais, mas as combinações destas cinco originam mais melodias do que pode ser ouvido. Não há mais de cinco cores primárias, mas em combinação

elas produzem mais cores do que pode ser visto. Há não mais de cinco gostos palatáveis, ainda que suas combinações produzam mais sabores do que pode ser provado.

28. Seremos incapazes de transformar vantagens naturais para uso a menos que façamos uso de guias locais.

29. O governante esclarecido estabelece planos a seguir, e o bom general cultiva seus recursos.

30. Em caso de perturbação no acampamento, a autoridade do general se mostra fraca. Se as faixas e bandeiras são deslocadas, sedição está acontecendo. Quando servos e ajudantes estão com raiva, isso significa que os soldados estão cansados.

31. O general habilidoso conduz seu exército apenas como se estivesse levando um único homem, quer queira quer não, pela mão. Tal general também deve conceder recompensas sem precisar se pronunciar, e emitir ordens sem levar em conta os anteriores acordos.

32. O verdadeiro método, quando se tem homens sob as nossas ordens, consiste em utilizar o avaro e o tolo, o sábio e o corajoso, e em dar a cada um a responsabilidade adequada.

33. A habilidade de alcançar a vitória mudando e adaptando-se de acordo com o inimigo é chamada de genialidade.

34. As oportunidades multiplicam-se à medida que são agarradas.

35. Não estamos preparados para lidar com um exército em marcha a não ser que estejamos familiarizados com a geografia do

local; suas montanhas e florestas, armadilhas e precipícios, pântanos e brejos.

36. Seja sutil. Use seus espiões para cada tipo de negócio. Mas veja, tais espiões não podem ser geridos sem benevolência e frontalidade, pois sem ingenuidade mental não se pode ter certeza da veracidade de seus relatórios.

37. Compare prudentemente o exército inimigo com o seu próprio, de modo que você possa saber onde a força é superabundante e onde é deficiente.

38. Não ataque alguém só por estar magoado. Um general não deve colocar suas tropas em campo apenas para satisfazer seu próprio esplendor.

39. Um bom comandante é benevolente e despreocupado com a fama.

40. A qualidade da decisão é como a rusga de um falcão que lhe permite atacar e destruir sua vítima.

41. No meio do caos há sempre uma oportunidade.

42. Energia é o que tensiona o arco, decisão é o que solta à flecha.

43. Comandar muitos é o mesmo que comandar poucos. Tudo é uma questão de organização.

44. A arte da guerra nos ensina a não confiar na probabilidade de o inimigo não estar vindo, mas sim na nossa própria prontidão para recebê-lo; não sobre a possibilidade de ser

atacado, mas sim no fato de que fizemos a nossa posição inatacável.

45. Velocidade é a essência da guerra. Tire proveito do despreparo do seu inimigo, transforme seu caminho em rotas desesperadas e ataque nos sinais de descuido.

46. Para conhecer o seu inimigo você deve tornar-se seu inimigo.

47. O medo é o verdadeiro e único inimigo.

48. Lembre-se: você é seu próprio general. Então, tome agora a iniciativa, planeje e marche decidido para a vitória.

49. Para cada vitória sofremos uma derrota.

50. A estratégia sem tática é o caminho mais lento para a vitória. Tática sem estratégia é o ruído antes da derrota.

51. A vantagem estratégica desenvolvida por bons guerreiros é como o movimento de uma pedra rolando por uma montanha com 500 metros de altura. A força necessária é insignificante; o resultado, espetacular.

52. Se numericamente é mais fraco, procura a retirada.

53. Um general não deve empreender uma guerra num ataque de ira, nem deve enviar suas tropas num momento de indignação. Entenda que um homem que está enfurecido voltará a ser feliz, e aquele que está indignado voltará a ser honrado, mas um Estado que pereceu nunca poderá ser reavivado, nem um homem que morreu poderá ser ressuscitado.

54. Deixe seus planos serem escuros e impenetráveis como a noite e, quando você se mover, caia como um raio.

55. Quando cercar o inimigo, deixe uma saída para ele, caso contrário, ele lutará até a morte.

56. Não é preciso ter olhos abertos para ver o sol, nem ter ouvidos afiados para ouvir o trovão. Para ser vitorioso você deve enxergar o que não está visível.

57. Se quisermos que a glória e o sucesso acompanhem nossas armas, jamais devemos perder de vista os seguintes fatores: a doutrina, o tempo, o espaço, o comando, a disciplina.

58. Se não é vantajoso, nunca envie suas tropas; se não lhe rende ganhos, nunca utilize seus homens; se não é uma situação perigosa, nunca lute uma batalha precipitada.

59. A água escolhe o seu percurso de acordo com o terreno que atravessa. O guerreiro busca a vitória de acordo com o inimigo que enfrenta.

60. Concentre-se nos pontos fortes, reconheça as fraquezas, agarre as oportunidades e proteja-se contra as ameaças.

61. Derrotar o inimigo em cem batalhas não é a excelência suprema; a excelência suprema consiste em vencer o inimigo sem ser preciso lutar.

62. Não há exemplos de uma nação beneficiando-se da guerra prolongada.

63. Só mudando a si mesmo o homem pode mudar o que está a sua volta. Se o pensamento não muda, o que vemos é o que

temos visto pelo mundo afora: um império substituindo o outro, e um opressor sentando no trono sangrento de outro opressor. Enquanto o homem não muda a si mesmo, o que vemos é apenas escuridão e ranger de dentes.

64. Evitar guerras é muito mais gratificante do que vencer mil batalhas.

65. A vitória é o principal objetivo na guerra, mas o verdadeiro propósito da guerra é a paz. (2)

VIDA DE SUN TZU, SEGUNDO O COMENTARISTA SEMA TS'IEN (CERCA DE 100 A. C.)

Sun Tzu, súdito do rei de Wu, foi o homem mais versado que jamais existiu na arte militar. A obra que escreveu e os notáveis feitos que praticou usou uma prova de sua profunda capacidade e de sua experiência bélica. Antes mesmo de ter conquistado a grande reputação que o distinguiu em todas as províncias que integram hoje o Império, seu mérito era conhecido em todos os lugares adjacentes à sua pátria.

O rei Wu tinha algumas contendas com o rei Tchu. Eles estavam prestes a se engalfinharem numa guerra aberta e, de ambas as partes, corriam os preparativos. Sun Tzu não quis ficar de braços cruzados. Persuadido de que o personagem de espectador não fora talhado para si, apresentou-se ao rei de Wu, solicitando ingresso em suas hostes. O rei, feliz por um homem de tal mérito tomar seu partido, acolheu-o de bom grado. Quis vê-lo e interrogá-lo pessoalmente.

- Sun Tzu - disse-lhe o rei -, li a obra que escreveste sobre a arte militar, e fiquei muito contente; mas os preceitos que sugeres me parecem de difícil execução. Alguns deles me parecem